

# Fatores contributivos para o declínio do aleitamento materno

Carina Rodrigues<sup>1</sup>

## RESUMO

A importância do aleitamento materno tem vindo a revelar-se inversamente proporcional à sua prática apesar dos seus benefícios já comprovados. O presente estudo decorre da constatação, enquanto enfermeira promotora do aleitamento materno que o acto de amamentar tem vindo a ser desvalorizado principalmente no decorrer da última década.

Através de um estudo quantitativo e exploratório, procurou-se numa amostra estratificada de 50 puérperas residentes no distrito de Beja, identificar as causas mais comuns para o abandono do aleitamento materno e de que forma a intervenção dos enfermeiros pode impedir o declínio desta prática.

Utilizou-se, como método de recolha de dados, o inquérito por questionário, que foi sujeito a um estudo piloto anterior à sua aplicação. Foi construída uma escala de 15 questões, organizadas segundo as causas mais citadas na literatura para o abandono da prática da amamentação que apresentou boas qualidades psicométricas, quer previamente quer no presente estudo.

Os resultados revelaram que aspectos sociais, profissionais e factores ligados à equipa de saúde, interpretados à luz da literatura revista, que corroboraram, sugerem implicações na formação em Enfermagem e remetem para posteriores estudos de aprofundamento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aleitamento materno, enfermeiros, intervenção, promoção.

## SUMMARY

The importance of maternal breast-feeding has revealed itself to be inversely proportional to its practice in spite of the proven benefits. This research paper results from the observation, from the point of view of a nurse who promotes maternal breast-feeding, that the practice has become increasingly devalued particularly within the last decade.

By way of a quantitative and explorative study within a stratified sam-

ple of fifty mothers residing in the district of *Beja*, we sought out to identify the most common causes which lead to the abandonment of maternal breast-feeding and how the nurses' intervention could hinder the decline of this practice.

The chosen method of data-collection was that of an inquiry via questionnaire, which was subjected to a pilot-study prior to its application. A scale of 15 questions was created, organized according to what the literature cited as the most common causes for the abandonment of the breast-feeding practice which presented good psychometric qualities, both previously and in the present study.

The results revealed that the aspects linked to the hospital organization as well as the attitude of the health-care professionals can lead to the abandonment of maternal breast-feeding, and in this way influence its practice.

The results were interpreted in light of the reviewed literature, and suggest implications in the education and training within the field of Nursing and also recommend subsequent in-depth studies.

**KEY-WORDS:** maternal breast-feeding, nurses, intervention, promotion.

## INTRODUÇÃO

A prática de amamentar tem vindo a declinar-se ao longo dos tempos. A amamentação que outrora constituía um meio de alimentação de eleição, actualmente constitui uma prática em risco de extinção na sociedade.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) tem enfatizado a importância de se manter o aleitamento materno e de estimular a sua prática na tentativa de impedir o seu declínio e melhorar a alimentação e saúde de lactentes e crianças. A importância do declínio da amamentação baseia-se principalmente nos dados revelados pela OMS que afirma que mais de um milhão de crianças morrem em cada ano, vítimas de diarreia, infecções respiratórias e outras infecções por não se-

<sup>1</sup> Especialista em Enfermagem de Saúde Materna e Obstétrica, Assistente convidada do Instituto Piaget.

rem amamentadas de maneira adequada. O aleitamento materno exclusivo é recomendado desde o nascimento até aos 4-6 meses de idade enquanto a manutenção da amamentação com alimentos complementares é aconselhada até aos 2 anos de idade ou mais. No entanto, assiste-se frequentemente à introdução de alimentos e biberões antes dos 4 meses de idade, abandonando definitivamente a amamentação antes da criança complementar 2 anos de idade.

O declínio da amamentação no mundo ocidental iniciou-se seguidamente à Primeira Guerra Mundial. Antes desta, a amamentação era praticada pela totalidade das mães recorrendo-se a “amas de leite” sempre que não era possível a mulher amamentar. Estas foram gradualmente substituídas pelo leite de vaca, que após ter sido introduzido no mercado conseguiu estabelecer-se como um bom substituto do leite materno. Com a Segunda Guerra Mundial, deu-se a industrialização e com ela a amamentação ficou dependente de factores sociais e culturais da sociedade que conduziram ao aumento da procura de leites artificiais.

O declínio do aleitamento materno tem sido tema central de várias investigações cujos autores reforçam a importância da amamentação. Whaley e Wong (1995:56) referem que “o leite materno é a forma mais perfeita de nutrição para o recém-nascido. Segundo Ziegel e Cranley (1985:533) o leite materno é o alimento natural e ideal para o recém-nascido (...) é facilmente digerido e assimilado e os distúrbios alimentares são menos frequentes e usualmente menos graves do que com alimentos artificiais.

O leite materno é único, é um alimento vivo, completo e natural, adequado às necessidades do bebé e inigualável nos benefícios que proporciona à mãe e ao bebé a longo e curto prazo (Levy e Bértolo, 2002).

O aleitamento materno é considerado um dos pilares fundamentais para a promoção e protecção da saúde das crianças em todo o mundo. Contudo, a prática da amamentação está em declínio. Os dados apontam a necessidade de expansão das actividades de promoção ao aleitamento materno (Costa, 2005).

Actualmente em Portugal, a amamentação é uma prática corrente à nascença (cerca de 95%), mas diminui nos restantes meses de vida. Ao fim de 1 mês, só 50% das crianças são amamentadas; aos 3 meses, este valor situa-se nos 33%, chegando a atingir os 11% aos 6 meses” (Martins, 2001:21). A verdade é que nenhum dos produtos alimentares, que o homem fabricou até hoje suplantou o leite humano, pois este apresenta certas características que são inimitáveis. É nestas características que se baseiam as vantagens do aleitamento materno, tanto para a mãe como para o bebé.

## VANTAGENS DA AMAMENTAÇÃO

Citando Levy e Bértolo (2002:8) “as vantagens do aleitamento materno são múltiplas e já bastante reconhecidas, quer a curto quer a longo prazo, existindo um consenso mundial de que a sua prática exclusiva é a melhor maneira de alimentar as crianças até 4/6 meses de vida”. O aleitamento ma-

terno é a melhor fonte de nutrição para os lactentes sendo constituído pelos nutrientes perfeitos que lhe permite ser digerido mais depressa e mais facilmente que qualquer outro. Contém agentes imunológicos contra as infecções e protege o bebé de doenças, nomeadamente diarreia, infecções gastrointestinais, pneumonias, otites médias e agudas, infecções urinárias, sépsis e diminui os riscos de alergias, obesidade, diabetes juvenil e a arteriosclerose ao longo da vida adulta. Reduz o risco da criança vir a desenvolver diabetes e obesidade, aumentando a resposta à vacinação, melhora o desenvolvimento psicomotor e emocional para além de reduzir possíveis problemas ortodónticos e dentais provocados pelo uso da tetina.

Relativamente às vantagens maternas, a amamentação através da libertação de ocitocina contrai o útero e ajuda a prevenir a hemorragia pós-parto, ajuda nas infecções puerperais, atrasa a ovulação pelo que pode proteger de uma nova gravidez e diminui o risco de cancro da mama e do ovário (facto já comprovado por estudos de populações que demonstraram que mulheres que amamentaram com mais frequência e por mais tempo, têm menor risco de contrair cancro nesses órgãos). Para além disso, a carga de trabalho com a amamentação é menor do que preparar biberões, torna-se menos dispendioso em termos económicos e ajuda a mãe a recuperar a sua forma antes da gestação.

Relativamente às vantagens psicológicas da amamentação, poder-se-á dizer que esta constitui uma atenuante da ruptura que acontece no parto, em que se dá uma separação entre a mãe e filho permitindo ainda existir uma certa “dependência” entre os dois o que promove o vínculo afectivo.

## O DECLÍNIO DA AMAMENTAÇÃO

Apesar de tudo o que foi anteriormente referido, existem situações em que a mãe suspende precocemente a amamentação ou nem sequer a inicia. Algumas mães sentem-se ansiosas com a amamentação, outras sentem que não existe grande diferença se alimentarem o seu bebé com leite artificial. A dificuldade em quantificar o leite que o bebé ingere durante a mamada é também um dos factores que deixa a mãe insegura quanto à eficácia do aleitamento materno. Outras mães rejeitam a amamentação pois para elas o acto de amamentar é primitivo e repulsivo, pois as mamas têm um outro sentido. A mulher que amamenta pode sentir-se desconfortável quando a amamentação não se realiza num ambiente de privacidade e com o risco de intromissão de outras pessoas. A opinião de pessoas influentes pode induzir a mãe a não amamentar, é o que ocorrerá, por exemplo, se o pai tiver ciúmes pelo facto de a alimentação do bebé depender unicamente da mãe, incentivando o aleitamento artificial, (Oom, 2000). Para Ziegel e Cranley (1985) outra razão para que a mulher não amamente relaciona-se com o facto de considerar que isso desfigurará as mamas,

Segundo a Organização Mundial de Saúde, os motivos indicados pelas mães para a não amamentação ou para a sua suspensão precoce, revelam a existência de falta de informa-

ção sobre a fisiologia da lactação e o desconhecimento de que têm capacidade para produzir leite em quantidade suficiente para o seu filho.

Passos et al (2000) refere a este respeito que “o padrão actual de amamentação caracteriza-se como de curta duração, com introdução precoce de alimentos, evidenciando-se a necessidade da continuidade de intervenções no sentido de promover o aumento do período de amamentação e de prevenir a suplementação alimentar precoce. Muitos são os factores que afectam o modo como as mulheres alimentam seus filhos e o tempo durante o qual os amamentam. Esses factores incluem: o meio em que vivem as mulheres, a situação económica de suas famílias, o acesso das mesmas à educação e à inserção no mercado de trabalho, a propaganda das fórmulas infantis e a atuação dos serviços de saúde.

## PROMOÇÃO DA AMAMENTAÇÃO PELOS ENFERMEIROS

O apoio comunitário é um meio muito importante para prevenir o declínio da amamentação. Os enfermeiros podem ajudar as mães e crianças a amamentar com sucesso. É importante dar este apoio, não apenas antes do parto e durante o período pré-natal, mas durante todo o primeiro e segundo anos de vida (OMS, 1995:3).

Bobak et al (1999) refere que “o aconselhamento sobre aleitamento materno, deve iniciar-se no período pré-natal, onde os pais devem ser informados e elucidados para que o aleitamento materno seja bem sucedido. Embora saibamos que esta é uma opção da mulher/casal, importa encorajar para o aleitamento materno e reforçar as suas vantagens”.

A mulher deve estar informada das vantagens do aleitamento materno e optar por esta prática, mas para levar adiante sua opção, ela “precisa estar inserida em um ambiente favorável à amamentação e contar com o apoio de um profissional habilitado a ajudá-la, se necessário” (Giugliani e Lamounier, 2004). Na opinião de Levy (1994) uma mãe motivada e amamentando com sucesso sentir-se-á essencial ao seu filho e atingirá um sentimento de realização pessoal, bem como de satisfação e aceitação do seu papel de mãe.

Quadro 1: Os dez passos para o sucesso do aleitamento materno

| OS DEZ PASSOS<br>PARA O SUCESSO DO ALEITAMENTO MATERNO                                                                                                         |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1 - Ter uma norma escrita sobre aleitamento, que deveria ser rotineiramente transmitida a toda a equipa de cuidados de saúde.                                  |
| 2 - Treinar toda a equipa de cuidados de saúde, capacitando-a para implementar esta norma.                                                                     |
| 3 - Informar todas as gestantes sobre as vantagens do aleitamento materno.                                                                                     |
| 4 - Ajudar as mães a iniciar o aleitamento na primeira meia hora após o nascimento.                                                                            |
| 5 - Mostrar às mães como amamentar e como manter a lactação, mesmo se vierem a ser separadas dos seus filhos.                                                  |
| 6 - Não dar ao Recém-nascido nenhum outro alimento ou bebida além do leite materno, a não ser que tal procedimento tenha indicação médica.                     |
| 7 - Praticar o alojamento conjunto – permitir que mães e bebés permaneçam juntos 24 horas por dia.                                                             |
| 8 - Encorajar o aleitamento em horário livre.                                                                                                                  |
| 9 - Não dar mamilos artificiais ou chupetas a lactentes amamentados ao seio”.                                                                                  |
| 10 - Encorajar o estabelecimento de grupos de apoio ao aleitamento, para onde as mães deverão ser encaminhadas, por ocasião da alta hospitalar ou ambulatorio. |

Fonte: Organização Mundial de Saúde, 1995

A promoção da amamentação em aulas de preparação para o parto tem-se revelado uma importante aliada na adesão ao aleitamento materno. “É nas aulas de preparação para o parto que se pode informar sobre a amamentação, encorajar e apoiar de forma a contribuir para uma lactação bem sucedida” (Pereira, 2006).

Relativamente aos cursos de preparação para o parto a Ordem dos Enfermeiros só reconhece competência para ministrar cursos de preparação para o parto aos enfermeiros especialistas em Saúde Materna e Obstetrícia assim como “os enfermeiros especialistas em Enfermagem de Saúde Materna e Obstétrica são os profissionais melhor habilitados para ensinar, orientar e apoiar a mãe e a família na amamentação exclusiva”. O declínio da amamentação poderia então, ser minimizada pela colocação de enfermeiros especialistas em saúde materna e obstétrica nos centros de saúde. Sardo (2007:84) refere a este respeito que “o número de enfermeiros especialistas em saúde materna e obstetrícia nos cuidados de saúde primários é reduzido, porque não são criados lugares”. Na mesma linha de pensamento, Leite refere que “dar melhor resposta na assistência pré-natal passa pela colocação de enfermeiros especialistas em saúde materna e obstetrícia nos centros de saúde (2008:84).

## METODOLOGIA

No âmbito da metodologia utilizada, passam a referir-se os sujeitos da amostra envolvida no presente estudo, bem como o instrumento utilizado e os procedimentos havidos.

Através de um estudo quantitativo e exploratório, procurou-se analisar, numa amostra de 50 puérperas, os factores desencadeantes do abandono da amamentação.

Foi distribuído por tais sujeitos um conjunto de inquéritos, cujos resultados foram posteriormente analisados com o programa estatístico SPSS.

O inquérito incluiu, para além de perguntas de natureza mais pessoal (idade, sexo, grau de escolaridade, entre outros), uma escala específica: “Factores de Abandono da Amamentação” que foi construída no âmbito do estudo realizado, tendo ficado constituída por 15 questões, organizada segundo os factores de declínio do aleitamento materno mais referenciados na literatura e no levantamento prévio de factores junto de um grupo inicial de 15 puérperas. Evidenciaram-se os factores de abandono da amamentação: Falta de apoio dos enfermeiros na amamentação, actuação e organização dos serviços de saúde, dificuldade em frequentar aulas de preparação para o parto, falta de informação sobre amamentação no período pré-natal, gestacional e puerperal, informações incorrectas sobre a amamentação (que interfere na vida sexual, que pode ser prejudicial ao bebé), referenciar-se em experiências de terceiros, vulnerabilidade à publicidade e comércio de leite artificial, falta de apoio familiar, falta de apoio do conjugue, dificuldade em conciliar a actividade profissional e a amamentação, instabilidade a nível profissional (receio de perder o emprego por gozar do direito à amamentação), constrangimento em amamentar em público.

No sentido de proceder à validação do instrumento, solicitou-se a 50 puérperas que respondessem à Escala “Factores de Abandono da Amamentação”, com modalidade de resposta de tipo *Likert*, com variação entre 1 (discordo completamente) e 6 (concordo completamente), nas quais cada inquirido deveria indicar o grau de concordância ou discordância de acordo com as suas vivências sobre a amamentação. As qualidades psicométricas obtidas com a escala foram reveladas pelo tratamento estatístico e comprovadas pelo cálculo da sua fidelidade através do *Alpha de Croanbach* que apresentou o valor de 0.90, e pelo cálculo da sua validade interna. Para testagem da validade interna, utilizou-se a análise factorial, uma vez que este procedimento permitia estudar as capacidades avaliativas do instrumento relativamente às dimensões dos factores de abandono da amamentação. Partiu-se, aqui, da hipótese de que o conteúdo da escala representava as dimensões específicas que se pretendiam avaliar. Esta suposição foi testada por meio de uma análise de componentes principais com rotação de *varimax*, sem definição prévia do número de factores.

## RESULTADOS

Os resultados obtidos demonstraram que os principais factores para o abandono da amamentação relacionam-se com os factores relacionados com a equipa de saúde e os factores sociais. Nos resultados obtiveram-se três factores específicos com uma explicação de 65,2% da variância total. Especifica-se cada um dos factores obtidos com as respectivas percentagens de variância explicada: falta de apoio dos enfermeiros na amamentação (25,5%), actuação e organização dos serviços de saúde (9,5%), dificuldade em frequentar aulas de preparação para o parto (6,5%), falta de informação sobre amamentação no período pré-natal (6%), gestacional e puerperal, informações incorrectas sobre a amamentação (que interfere na vida sexual, que pode ser prejudicial ao bebé) (5%), referenciar-se em experiências de terceiros (4,7%), vulnerabilidade à publicidade e comércio de leite artificial (4,2%), falta de apoio familiar (3,8%), falta de apoio do conjugue, dificuldade em conciliar a actividade profissional e a amamentação, instabilidade a nível profissional (receio de perder o emprego por gozar do direito à amamentação), constrangimento em amamentar em público.

No estudo da validade interna, ou de constructo, utilizou-se a análise fatorial, com rotação *varimax*, tomando a amostra total, e sem prévia indicação de factores para extração. A estrutura factorial do questionário encontrada pode ser vista no quadro 1.

Quadro 2: Factores de abandono da amamentação

|                                                                                                              | Saturação |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>Factores relacionados com a equipa de saúde</b>                                                           |           |
| Organização dos serviços de saúde                                                                            | ,666      |
| <b>Factores Sociais</b>                                                                                      | ,638      |
| Informações incorrectas sobre a amamentação (que interfere na vida sexual, que pode ser prejudicial ao bebé) | ,567      |
| Referenciar-se em experiências de terceiros                                                                  | ,540      |
| Vulnerabilidade à publicidade e comércio de leite artificial                                                 | ,519      |
| Falta de apoio familiar                                                                                      | ,462      |
| Falta de apoio do conjugue                                                                                   | ,410      |
| <b>Factores profissionais</b>                                                                                | ,437      |
| Dificuldade em conciliar a actividade profissional e a amamentação                                           | ,477      |
| Instabilidade a nível profissional (receio de perder o emprego por gozar do direito à amamentação)           | ,450      |

Os factores resultantes foram: factores relacionados com a equipa de saúde, factores sociais, e factores profissionais. Os factores relacionados com a equipa de saúde são caracterizados pelos aspectos técnicos e profissionais de enfermagem e com a organização dos sistemas de saúde. Os factores sociais são caracterizados por itens que indicam determinadas posturas adoptadas perante a amamentação. Os factores profissionais referem-se a itens que reflectem os aspectos profissionais que podem influenciar negativamente a amamentação.

Através do inquérito por questionário constatou-se ainda que cerca de 98% iniciam a amamentação no período pós-parto, 62% amamentam até cerca do primeiro mês de vida, 25% até aos 3-4 meses e apenas 9% prolonga a amamentação para além desse período tendo-se comprovado que estas últimas tinham tido um apoio especial dos profissionais de saúde.

Perante estes resultados torna-se importante definir estratégias a nível da promoção e aconselhamento do aleitamento materno, desenvolvendo programas que permitam o um acompanhamento mais intenso e prolongado da prática de amamentar.

## CONCLUSÕES

Os resultados obtidos permitiram verificar que a Escala “Factores de Abandono da Amamentação” constituiu um instrumento adequado para estudar o declínio e abandono do aleitamento materno. É importante que os enfermeiros estejam despertos para a promoção do aleitamento materno durante a gravidez e puerpério tendo um papel de apoio activo nas jovens mães. Constatou-se também que as mulheres que frequentaram aulas de preparação para o parto apresentaram uma atitude mais positiva relativamente à amamentação.

Os resultados obtidos enquadram-se na literatura revista (Bobak, 1999; Levy e Bértolo, 2002, Passos et al, 2000), que corroboraram (Zieguel e Cranley, 1986, Giugliani e Lamounier, 2004, Levy, 1994) sugerindo implicações específicas no exercício de enfermagem e remetendo para posteriores estudos no âmbito da saúde. Esta investigação sugere, ainda, algumas implicações, com destaque para a formação em enfermagem, sobretudo a nível da amamentação, onde deveria ser realizadas formações sobre aconselhamento do alei-

tamento materno. Em *posteriores estudos*, poder-se-iam retomar aspectos com vista a um maior aprofundamento dos resultados e da sua interpretação, quer no âmbito dos instrumentos utilizados quer numa ampliação da amostra dos sujeitos estudados. A natureza da relação entre a amamentação e experiências de vida poderia ser um dos aspectos a retomar, bem como a realização de análises dos resultados em função de novas variáveis.

## BIBLIOGRAFIA

- BOBAK, I., LOWDERMILK, D; JENSEN; M. (1999) – *Enfermagem na Maternidade*. 4ª edição. Loures: Lusociência, 1017 p.
- COMISSÃO DA ESPECIALIDADE EM ENFERMAGEM DE SAÚDE MATERNA E OBSTÉTRICA (2006) – *Amamentação – Uma escolha saudável*. Folheto informativo.
- COSTA, M. (2005), *Práticas e rotinas educativas em aleitamento materno no banco de leite humano de Uberaba*.
- GIUGLIANI E., LAMOUNIER, A. (2004) *Aleitamento materno: uma contribuição científica para a prática do profissional de saúde*. *Jornal de Pediatria*, novembro; 80(5): 117-118.
- WHALEY, L., e WONG, D. *Enfermagem Pediátrica*, 2ª Edição, Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1996, 2176 p.

- LEITE. L. (2007) – *Guia Prático da Gravidez e Parto*, Pais e Filhos, edição especial anual, 84-85
- LEVY, L.(1994) – *A alimentação no primeiro ano de vida*. *Revista Portuguesa de Pediatria*. Lisboa. Vol.25, nº3, p.p. 191-204
- LEVY, L; BÉRTOLO, H. (2002) – *Manual de aleitamento materno: Comité Português para a UNICEF/Comissão Nacional Iniciativa Hospitais Amigos dos Bebés*. ISBN 96436
- MARTINS, M. (2001) *Aleitamento Materno: um dom a não perder*. *Sinais Vitais*, nº 35, Março de 2001, p.21-27
- ORDEN DOS ENFERMEIROS (2007) Conselho Jurisdicional: Parecer CJ 123/2007
- OOM, P. (2000) – *Peito ou biberão? Descubra as diferenças*. Pais e Filhos. Lisboa: Motorpress. Nº108 (Janeiro 2000), pp. 34-36.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (1995) *Aconselhamento em Amamentação: um curso de treinamento*. Manual do participante, 180 p.
- PEREIRA, V. (2006) *A amamentação – Trabalho realizado na formação do serviço de Obstetrícia do Hospital José Joaquim Fernandes*.
- PASSOS, M., LAMOUNIER J., SILVA, C. (2000) *Práticas de amamentação no município de Ouro Preto*, MG, Brasil. *Revista Saúde Pública* 2000 dezembro; 34(6): 617-622.
- SARDO, D. (2007) – *Guia Prático da Gravidez e Parto*, Pais e Filhos, edição especial anual, 84-85.
- ZIEGUEL, E. e CRANLEY. M. (1986) *Enfermagem Obstétrica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.